tinuará, porém, a nortear as ações dos citricultores e industriais, como forma de garantir a utilização máxima do capital investido no parque industrial e o escoamento da crescente produção de laranja brasileira.

Segundo informações extra-oficiais, a produção de laranja da Flórida, na temporada 1983/84, estaria estimada em 194 milhões de caixas, apresentando assim um crescimento de 32% em relação à safra 1982?83. Caso este número venha a ser confirmado em outubro — época em que o USDA divulga sua primeira estimativa oficial — as importações norte-americanas de suco no próximo ano deverão sofrer novamente uma redução, acarretando maiores dificuldades para o setor citrícola do Brasil.

SUINOCULTURA

Sob a influência da recessão

Em função da menor oferta de animais terminados, o ano de 1982 revelou-se extremamente rentável para a suinocultura brasileira, que passou a dispor de preços suficientemente elevados em contraposição aos então baixos preços do milho. Na região Sul, por exemplo, o preço relativo médio suíno/milho, no ano passado, situou-se em 8,4, muito acima, portanto, dos 5,8 de 1981 e dos 5,9 de 1980. Não era para menos, uma vez que o preço médio alcançado pelos animais, no ano passado, na região Sul, foi 14,7% maior, em termos reais, do que a média de 1981, enquanto que a cotação do milho sofreu uma perda, no período, de mais de 20%, também em termos reais.

Mesmo assim, o Gráfico 1 permite observar que a lucratividade da suinocultura sulista passou a declinar a partir de meados do segundo semestre do ano passado, quando, por força da entressafra de milho, os preços do cereal começaram a aumentar, pressionando o custo de produção de suínos. Desta forma, em que pese a elevação de preços característica de fim de ano, em dezembro do ano passado, de acordo com estudo do Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves (CNPSUA), da Embrapa, o custo de produção do suíno vivo era de Cr$ 223,30/kg, enquanto que, de acordo com a CEPA de Santa Catarina, o preço médio recebido pelo suinocultor catarinense situava-se em apenas Cr$ 188,00/kg*.

A tendência declinante dessa relação nos estados sulinos permaneceu durante os três primeiros meses de 1983, por força, exclusivamente, da queda dos preços reais recebidos pelo suíno gordo, uma vez que a colheita do milho precoce implicou uma redução real dos preços do produto. Desta maneira, a tradicional diminuição do consumo deste tipo de carne durante os meses mais quentes do ano tem levado os criadores de suínos a, novamente, questionarem sua margem de lucro, pois o preço recebido pelo animal terminado prossegue abaixo do custo de produção (novamente de acordo com o CNPSUA, no primeiro trimestre deste ano, o custo do quilograma de suíno, em Santa Catarina, foi de Cr$ 256,21, 11,2% acima do preço médio recebido pelos suinocultores daquele estado).

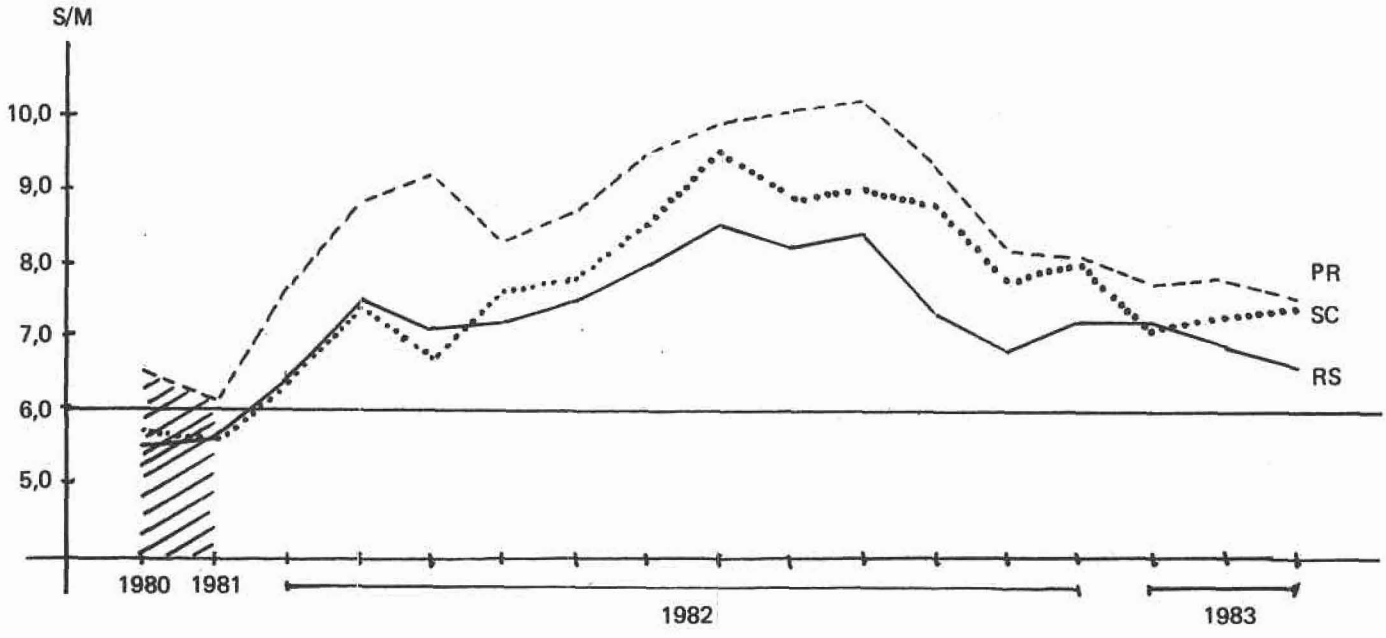
Excluindo a esperada queda do consumo desta carne durante o verão, dois fatos podem ser considerados responsáveis por esta situação. Primeiramente, em face do aperto do poder de compra dos consumidores brasileiros, vem-se acentuando a ausência da carne suína da dieta alimentar, em benefício das carnes bovina e, principalmente, avícola, pois, se, do ponto de vista dos criadores, o ano de 1982 provou ser dos mais vantajosos financeiramente, observou-se, do lado do consumo varejista, uma retração considerável no consumo de carnes suínas. Isto porque o preço real no varejo da carne suína em 1982 foi 8,8% superior à média de 1981, enquanto que os preços das carnes bovina e de aves ao consumidor *decaíram*, também em termos reais, respectivamente 5,5% e 13%. Desta forma, a carne de porco, ao ter seu preço real elevado exatamente num ano em que o poder de compra da população foi bastante reduzido, passou a sofrer ainda maior

* Deve ser esclarecido, porém, que, em Santa Catarina, cerca de 70% dos suínos abatidos provêm de criações integradas, onde o preço recebido pelo criador é, tradicionalmente, inferior ao custo da produção não integrada.

alijamento da dieta alimentar tradicional de segmento específico da população (o que, por extensão, acabou afetando negativamente o consumo de feijão preto durante 1982, visto que parte da demanda desta leguminosa está associada aos preços dos embutidos e salgados, utilizados geralmente em feijoadas). O Gráfico 3 mostra, inclusive, que, em São Paulo, a partir de dezembro do ano passado, os aumentos do preço real da carne suína no varejo passaram a ser superiores aos do preço obtido pelo criador. Já em março deste ano, no entanto, esta tendência deu sinais de reversão, em razão da redução do consumo, motivada pela alta desta carne. De fato, se, de janeiro a novembro de 1982, o salário mínimo mensal pôde comprar 34 quilogramas de car-

GRÁFICO 1

PARANÁ, SANTA CATARINA e RIO GRANDE DO SUL — Preços Relativos Suíno/Milho — 1980, 1981 e 1982



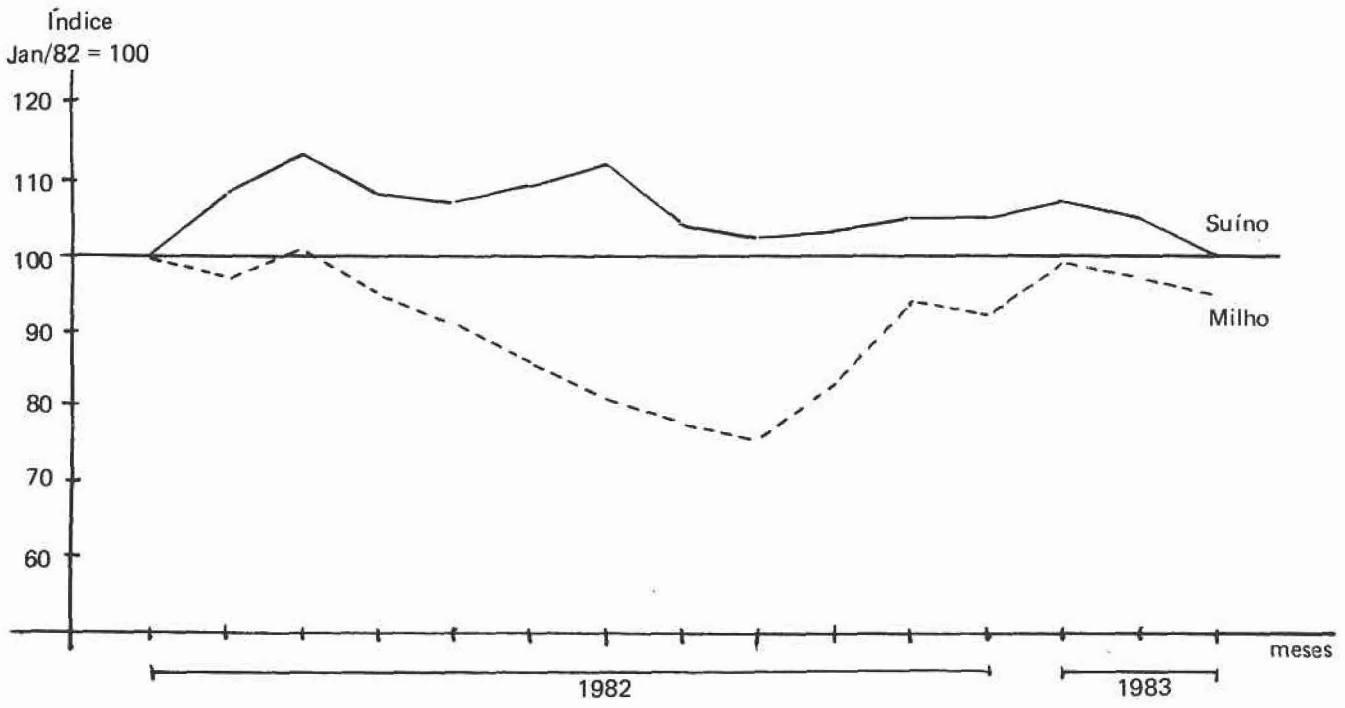
FONTE: CEPAS.

ne de porco, entre dezembro de 1982 e março de 1983 podia comprar apenas 31 kg. Em segundo lugar, a oferta de animais terminados vem-se elevando, em resposta à recuperação dos preços recebidos pelos produtores, a partir do segundo semestre de 1981. Na região Sul, no primeiro trimestre do presente ano, abateram-se 2% a mais de suínos do que em igual período de 1982, fazendo com que o preço médio real recebido naquela região, de janeiro a março deste ano, fosse 5,1% inferior ao de igual período de 1982 (entre os primeiros trimestres de 1982 e 1981, houve um ganho real da ordem de 11,5%).

Em suma, se o ano de 1982 foi considerado como dos melhores pelos criadores de suínos, o mesmo não pode ser dito no que se refere ao seu posicionamento no mercado brasileiro de carnes. Contraditoriamente, ao mesmo tempo em que os avanços

GRÁFICO 2

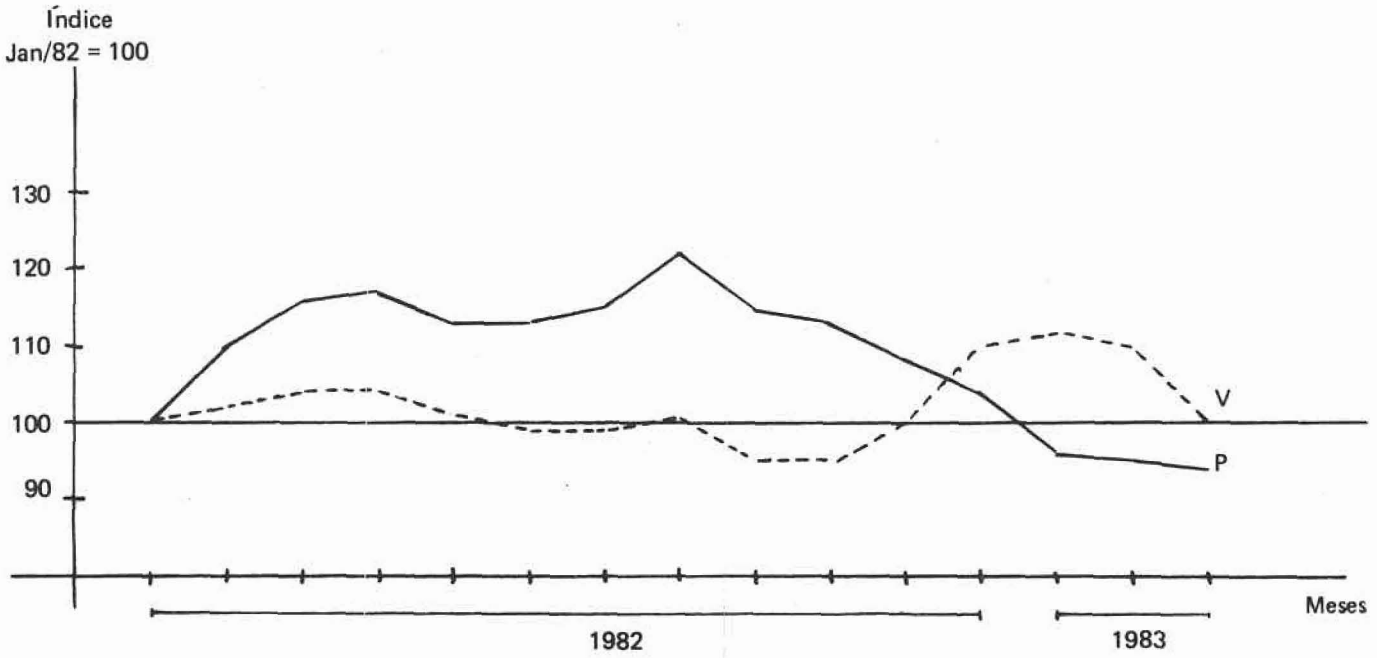
REGIÃO SUL: Evolução dos Índices dos Preços Reais do Suíno e do Milho — Janeiro a Dezembro de 1982 (IGP, Col. 2, Para Janeiro de 1983)



tecnológicos são cada vez mais evidentes nesta criação, estes benefícios parecem não atingir o que seria seu principal objetivo, qual seja, o de tornar a carne suína um produto acessível a uma parcela maior da população, principalmente urbana. O Gráfico 4 mostra como se comportaram os preços da carne suína no varejo de São Paulo do início de 1978 a março de 1983, em comparação com as carnes bovina e de aves. Se, em 1980, 1981 e, em alguns meses do ano passado, a carne de porco esteve mais barata do que a bovina, sua disparidade em comparação com o preço da ave atingiu níveis recordes no início de 1983. Tal situação parece um tanto desconcertante, tendo em vista que, em 1982, ano de folgada oferta de milho, não houve pressão deste insumo sobre o custo de produção de suínos, deixando entrever que parte da responsabilidade dos

GRÁFICO 3

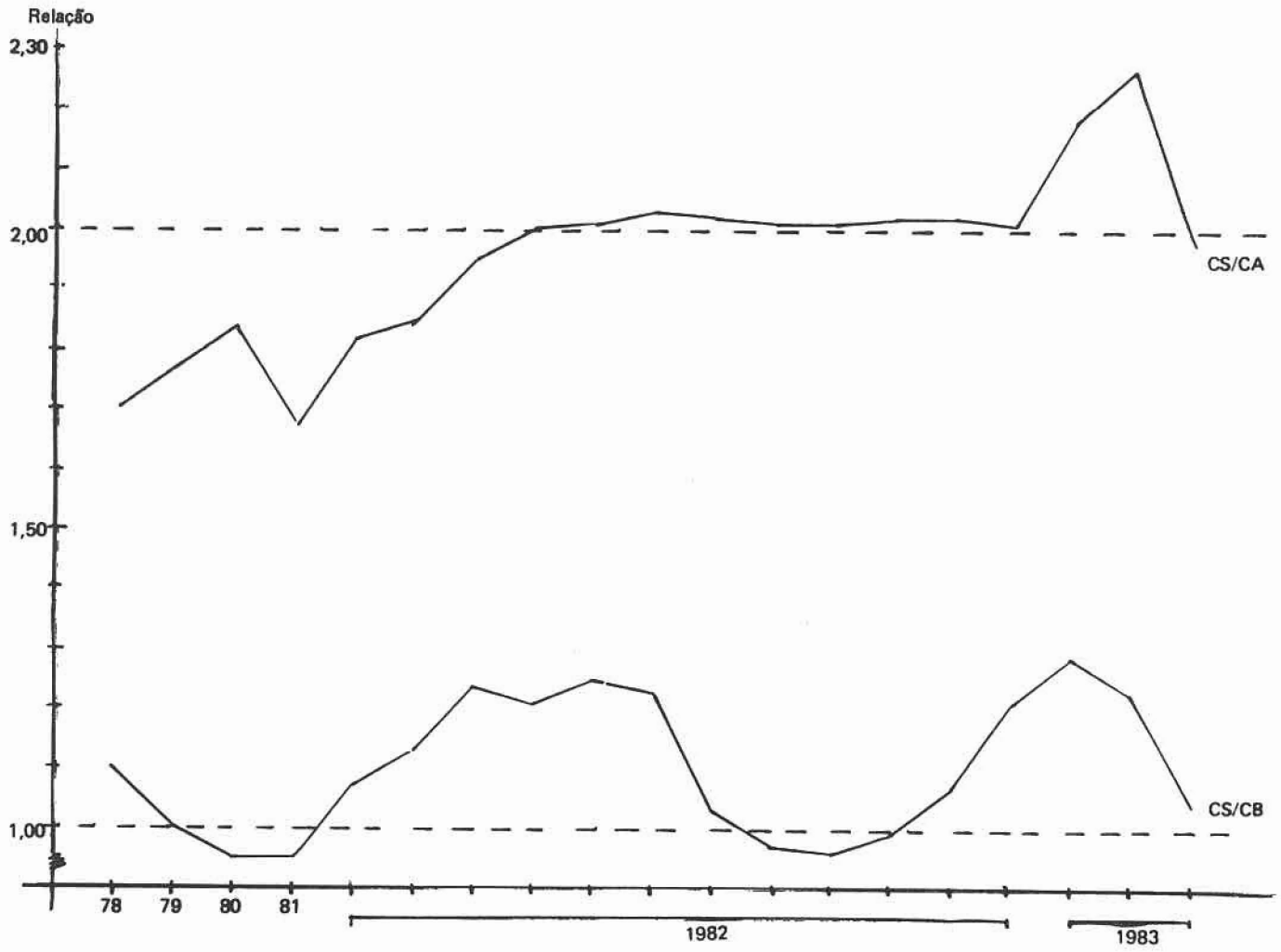
SÃO PAULO – Índices de Preços Reais** do Suíno Tipo Carne (P) e no varejo da Carne Suína – Janeiro de 1982 a Março de 1983*



* Jan/1982 = 100.
** IGP, col. 2, Conjuntura Econômica, para janeiro de 1982.

GRÁFICO 4

SÃO PAULO: Preços Relativos no Varejo, Carne Suína/Carne Avícola (CS/CA) e Carne Suína/Carne Bovina (CS/CB) Anuais de 1978 a 1981, e Mensais de Janeiro de 1982 a Março de 1983



FONTE: IEA/SP.

aumentos deve ser creditada à especulação dos produtores (que procuravam ressarcir-se dos prejuízos registrados em 1981) e das indústrias.

O atual momento vivido pelo setor, ao apresentar uma maior oferta de animais terminados simultaneamente à diminuição do consumo, deverá prolongar a queda do preço real do suíno vivo, mesmo porque, dentro de dois meses, inicia-se a chamada "safra" de suínos, aumentando a oferta de animais às indústrias. Assim, tudo indica que as indústrias deverão recusar-se a atender às reivindicações dos suinocultores, no que se refere aos preços dos animais engordados com o milho colhido no Centro-Sul desde o início do ano. Ressalte-se que, atualmente, algumas indústrias já se ressentem da queda na demanda pela carne *in natura*, sendo obrigadas a aumentar o percentual que cabe à industrialização dentro da unidade produtora.

Englobada no contexto recessivo da economia, a suinocultura se vê, assim, numa situação incômoda, pois se, de um lado, a oferta de insumos é (até o momento) favorável, por outro lado, o mercado consumidor interno encontra-se retraído, e, no curto prazo, não há perspectivas de exportação para a carne de porco. As dificuldades deste quadro se evidenciam quando se leva em conta que, este ano, cerca de 20% da produção de carne bovina e 18% da produção de carne de aves deverão ser exportados. Restarão, assim, 4,5 milhões de t de carnes em geral (excluindo-se o pescado) para consumo interno, quantidade que representa quase 3% a menos do que a oferta global de 1982. Essa oferta *per capita* de carnes será ainda menor, se for agregado neste cálculo o crescimento anual da população.

Em resumo; num ano em que o governo não hesita em lançar mão de todo e qualquer recurso para alcançar o almejado saldo positivo de seis bilhões de dólares na balança comercial, o fato de a carne suína continuar sem acesso ao mercado externo levaria a esperar que a suinocultura aumentasse sua contribuição para redução do déficit de proteínas animais disponíveis à população, agravado pelas exportações de outras carnes, tendo em vista a razoável oferta de grãos para arraçoamento.

No entanto, a suinocultura segue em sua trilha peculiar, confirmando sua posição instável dentro do mercado brasileiro de carnes, e reforçando suas características de produto oriundo de um mercado altamente desorganizado, onde o oligopsônio prevalece na maior parte do país. Tanto na área da produção como na governamental, inexiste a preocupação de retirar da carne suína o estigma de produto caro e contra-indicado para a saúde, e o conformismo setorial de ter, sempre, uma participação apenas marginal no mercado brasileiro de proteínas animais.